

cidade de Lisboa, copia de José Valentim de Freitas, na Bibliotheca Nacional de Lisboa; mas o *Mappa de Portugal*, primeira edição 1758, pag. 597, e terceira edição 1870, pag. 216, na freguesia da Magdalena, nota a rua de D. Gil e Annes.

A *Estatística de Lisboa 1552*, ms. cit., em nota de 1620, a fl. 104 v, aponta «a Rua de donjulienes».

O Sr. Visconde de Castilho, literato e archeologo, na sua muito interessante obra *A Ribeira de Lisboa*, a pagg. 500 e 545, dá-nos referencias de D. Gil Eannes da Costa, e o Sr. Eduardo Freire de Oliveira, archivista da Camara Municipal, nos seus *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, tomo III, pagg. 162 a 172, publica o «Assento de vereação de 1 de março de 1625» e a «Diligencia que se fez nos muros desta cidade, e casas junto a elles, para defenção da ditta cidade, sendo prezente Nuno de Mendonça, Gonçalo Pires Carvalho, João de Frias de Selazar e os arquitetos de Sua Magestade», na qual se encontra «Nas Portas do Mar, pella parte de fora, se porão portas, e no arco de dentro se reformarão outras de nouo, e se tapara o chafaris da Preguiça e o postigo de Dom Gil Eanes, pella parte de fora...». Sabe-se portanto, que, alem da rua denominada de D. Gil Eannes, havia tambem na muralha antiga da cidade um postigo com o mesmo nome e proximo da referida rua.

JOSÉ JOAQUIM D'ASCENSÃO VALDEZ.

Cidade velha de Santa Luzia

O Sr. Conselheiro Antonio Alberto da Rocha Páris teve a amabilidade de me convidar para eu fazer uma visita ás ruínas da cidade velha de Santa Luzia, sobranceiras a Vianna do Castello, e de me pedir a minha humilde opinião sobre a maneira de se conservarem. Correspondendo ao honroso convite, visitei as ruínas no dia 6 de Agosto de 1902, em companhia do mesmo senhor, e do estudioso archeologo bracarense, o Sr. Albano Bellino.

As ruínas são conhecidas ha muito na litteratura archeologica: vide por exemplo *Boletim dos Archeologos do Carmo*, II, 26 e II, 52; *O Archeologo Português*, v, 2. No referido *Boletim*, 1879, p. 158, reuniu o Sr. Dr. Figueiredo da Guerra a tal respeito muitas noticias bibliographicas, contidas em obras antigas, umas impressas, outras manuscritas. O mesmo diligente investigador falla das ruínas no seu livro intitulado *Vianna do Castello*.

No empenho de relacionar esta estação archeologica com outras cidades mencionadas na litteratura classica e medieval, houve quem propusesse que ella foi *Britonia* e *Brutóbriga*. A coincidência com *Britonia* está já agora posta de parte, pois se sabe que a cidade d'esse nome ficava na Galliza. Quanto a *Brutóbriga*, tambem a coincidência não póde admittir-se: 1) porque ha um texto de Estevam de Byzancio, *De urbibus*, s. v., que diz que *Brutóbriga* estava situada entre o rio Baetis ou Guadalquivir e os Turdetanos (foi por isso que uns a situa-

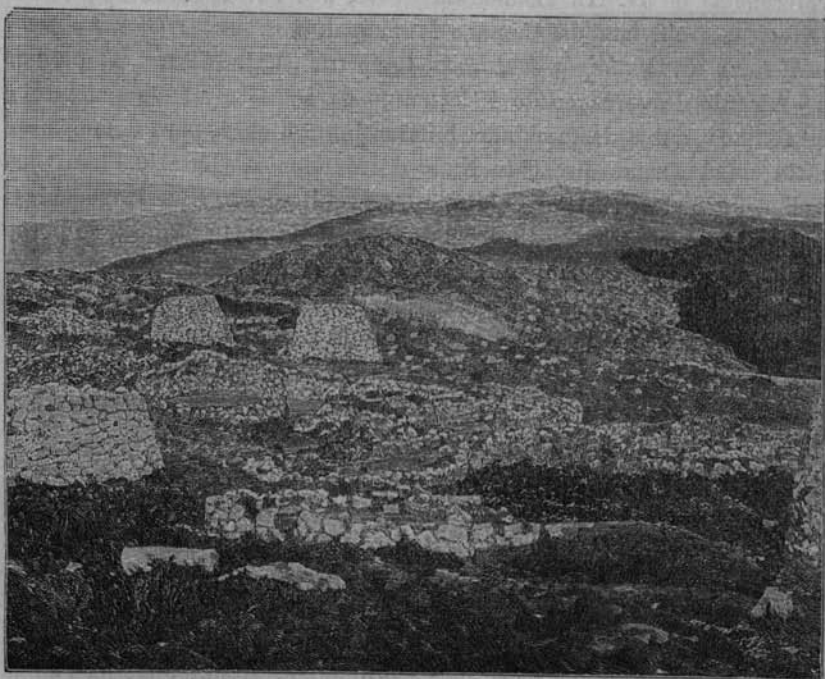


Fig. 1.^a — Ruínas de Santa Luzia

ram entre Thomar e Abrantes, outros em Borba, outros no Algarve)¹; 2) porque da cidade de *Brutóbriga* existem moedas indigenas, ao passo que não se cunharam na antiguidade moedas autonomas ao N. do Tejo. O ser *Brutóbriga* cidade de *Bruto* (cfr. *Gracch-uŕris*, de *Graccho*; *Augustóbriga*, de *Augusto*, etc.), não é razão para que ella ficasse na *Callaecia*, em que *Bruto* se tornou célebre, pois as façanhas do mesmo grande general romano tambem se estenderam ao Sul, como diz *Estrabão*, *Geographia*, liv. III, cap. III, § 1.^o, e *L. Floro*, *Epitome*, liv. II,

¹ Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 813, e *Mon. Ling. Iber.*, de Hübner, p. 134.

cap. XVII (elle esteve na cidade de Moron, sobre o Tejo; fortificou Olisipo; e seguiu pelo litoral, onde succedeu a famosa scena do terror do pôr do sol).

A cidade velha de Santa Luzia entra na categoria dos *castros* ou «montes fortificados», e pertence ao mesmo typo da Citania de Briteiros, explorada por Martins Sarmiento, e do Monte Redondo, explorado pelo Sr. Albano Bellino, embora cada uma d'estas estações mantenha os seus caracteres especiaes. Muito perto fica o Monte do Crasto da Areosa,

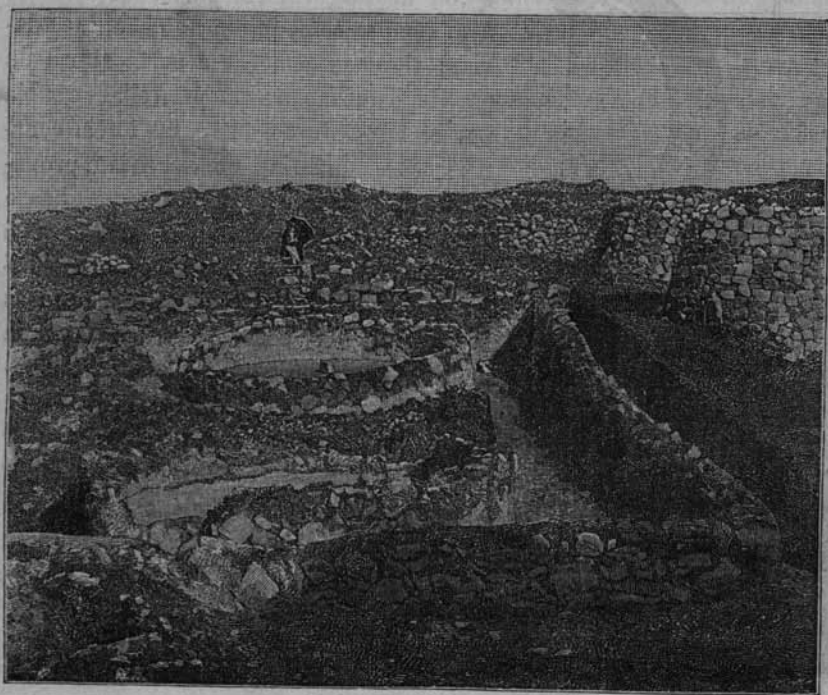


Fig. 2.^a — Ruínas de Santa Luzia

pertencente ao Sr. João Coelho de Castro Villasboas; lá existem ruínas semelhantes ¹.

Em Santa Luzia observam-se ainda tres ordens de muralhas concentricas, com fossos intermedios. As ruínas das casas occupam principalmente o espaço limitado pela muralha mais interna, mas ha algumas

¹ Tambem ahi se tem encontrado objectos meudos, como: pequenos pesos de pedra; cossoiros de barro e outros. Entre os ultimos conta-se o fragmento de uma tegula com uma inscripção; este fragmento foi generosamente offerecido ao Museu Ethnologico pelo Sr. Dr. Figueredo da Guerra.

fôra d'ahi. No ponto culminante do monte vê-se uma elevação artificial, com uma parede forte; deve ter sido ahi a acropole ou cidadella. O mesmo tenho observado noutros castros do nosso país. A acropole aqui é escalvada; não se encontram lá vestígios de casas.

As casas são conhecidamente de várias especies: circulares, oblongas e quadriláteras (cfr. fig. 1.^a e 2.^a). Às vezes constituem grupos ou bairros fechados por uma parede propria. Entre ellas ha rnas ladrilhadas, de 0^m,45 e de 0^m,64 de largura. As portas de entrada nem sempre começavam no chão, mas deviam algumas começar a certa altura da parede, o que mostra que para ellas se subia por escadas. Junto das casas havia construcções secundarias, que serviriam provavelmente para acomodar os gados; acaso especie de quinteiros. O chão das casas é algumas vezes argamassado, como em Bibracte, na Gallia¹. Ao centro das casas redondas observa-se frequentemente uma pedra pequena (de 0^m,20 × 0^m,25 algumas), fixa no chão (vid. a fig. 2.^a)², e que no meu entender servia para nella se apoiar a columna que sustentava o tecto (conico); alguns archeologos tem supposto que taes

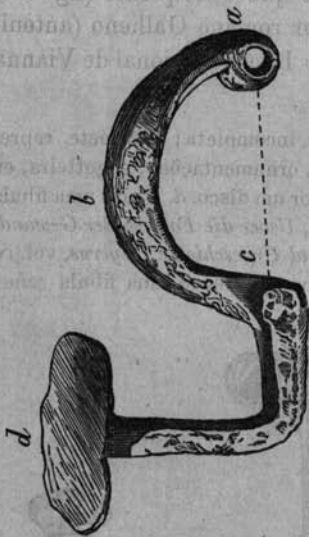


Fig. 3.^a — Fibula de Santa Luzia

pedras eram lareiras, mas isso é impossivel pela pequenez d'ellas (num caso uma d'estas pedras é comprida e está posta de cutello).

As pedras das paredes das casas são facetadas de um lado. A disposição das pedras, tanto nas paredes das casas como nas muralhas, é por vezes interessante, pois ellas assentam com os angulos no sentido vertical. Diametro de uma das casas circulares: 3^m,30; maior diametro de uma das oblongas: 6^m,5.

Junto de uma das casas oblongas ha uma construcção rectangular, em fôrma de caixa (1^m × 0^m,65), na direcção de E.-O., feita de pedras postas de cutello, e ladrilhada. Póde ter sido sepultura. Está aberta do lado do nascente, talvez porque a respectiva pedra caiu.

Na occasião das excavações para pôr a descoberto as casas, encontraram-se alguns objectos, como: fragmentos de ceramica pre-romana;

¹ Déchelette, in *L'Anthropologie*, XIII (1902), 74 sqq.

² Esta figura e a 1.^a foram gravadas segundo photographias que me enviou o Sr. Conselheiro Rocha Páris.

uma fibula de bronze (fig. 3.^a)¹; um alfinete de bronze com vestígios de ornatos circulares na cabeça (fig. 6.^a)²; mós manuaes de pedra; muitos pedaços de amphoras romanas (asas, fundos, bordos, etc.); uma mão de almofariz de pedra; um peso de pedra com um sulco circular em cima; outro peso de pedra, representado em tamanho natural na fig. 8.^a; um cossoiro romano de tijolo, cylindrico, com um furo de um lado, e comêço de outro no lado opposto, o que é frequente (fig. 9.^a, tamanho natural); uma moeda do imperador romano Gallieno (antoniniano: sec. III da E. C.)³. Na bibliotheca do Lyceu Nacional de Vianna

¹ Esta fibula, como o mostra o desenho, está incompleta; o alfinete, represento-o por pontos, a partir de *a*; o aro, *b*, é sem ornamentações; a gotteira, ou descanso do alfinete, começa em *c*; o pé termina por um disco, *d*. É pois uma fibula muito semelhante á que vem figurada em Tischler, *Ueber die Formen der Gewandnadeln*, est. iv, fig. 22 (*Beiträge zur Anthropologie und Urgeschichte Bayerns*, vol. iv, Munich 1881). Nas ruínas da Citania de Briteiros appareceu uma fibula seme-



Fig. 4.^a — Fibula da Citania



Fig. 5.^a — Fibula de Sabroso



Fig. 7.^a — Alfinete da Citania

lhante, que está hoje no Museu de Guimarães; aqui dou o desenho d'ella na fig. 4.^a No castro de Sabroso encontraram-se fibulas quasi completas terminadas em botão, formando o alfinete e a cabeça a figura de um T (fig. 5.^a tamanho natural). Comparaveis a estas fibulas são tambem algumas das que vem desenhadas nos *Prachistorische Blätter*, vol. xiv, 1902, tab. vii.

² Este alfinete é semelhante a um da Citania, existente hoje no Museu de Guimarães. Dou a gravura d'elle na fig. 7.^a

³ Eis a sua descripção:

GALLIENVS AVG. Cabeça voltada para a direita, com coroa radiada, cujas fitas caem na nuca. Circuito de traço continuo.

Reverso.—[I]OVI CONS AVG. Cabra de pé, sobre um traço, voltada para a direita (galhos e barba já pouco distinctos).—No exergo: S.—Circuito de traço continuo.

Cf. Cohen, *Médailles impériales*, vol. iv (1860), p. 375, n.º 206.

guardam-se em um mostrador várias cousas provindas de Santa Luzia: pregos de bronze romanos, fragmentos de barro ornamentado (na fig. 10.^a dou amostra de um semelhante a estes), e UMA ARULA DE BRONZE, muito curiosa, pelas suas pequenas dimensões, e como a qual nunca vi outra nos museus que tenho visitado, quer em Portugal, quer lá fóra (fig. 11.^a)¹. O Sr. Bellino, numa visita anterior, tinha encontrado na



Fig. 6.^a — Alfinete
de Santa Luzia

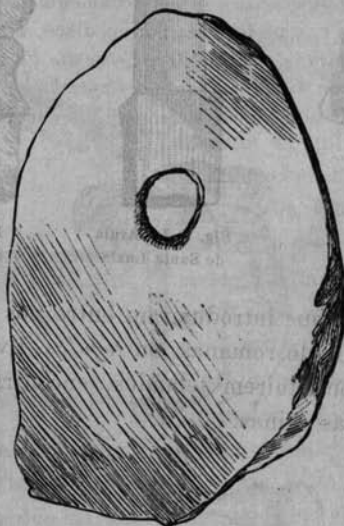


Fig. 8.^a — Peso de Santa Luzia



Fig. 9.^a — Cossóiro
de Santa Luzia

parede de uma bouça, perto das casas, a parte superior de uma ara de granito, já com as letras comidas do tempo (fig. 12.^a).

Do exposto conclue-se que a cidade velha de Santa Luzia, como a maioria dos nossos castros, contém vestígios de duas civilizações: pre-romana, — revelada nas casas redondas, na fibula, na cerâmica, etc.; romana, — revelada nas aras, na cerâmica, na moeda, etc. A cidade

¹ Tenho visto muitas aras de pequenas dimensões, por exemplo, nos museus de Pontevedra, Tolosa e Avignon: a respeito das d'estes ultimos e das de Autun vid. *Bulletin archéologique du comité des travaux historiques et scientifiques*, Nov. 1900, p. ix; a de Pontevedra (achada em Palencia) tem as seguintes dimensões: 0^m,07 × 0^m,04 × 0^m,038. Todas essas arulas porém são maiores que a de Vianna.

durou pelo menos até o sec. III, como o prova a moeda de Gallieno. As casas redondas não são especiaes ao nosso país; outros povos antigos as usaram, por exemplo os Celtas. É provavel que algumas das casas quadrilateras de Santa Luzia, senão todas, sejam devidas a influencia

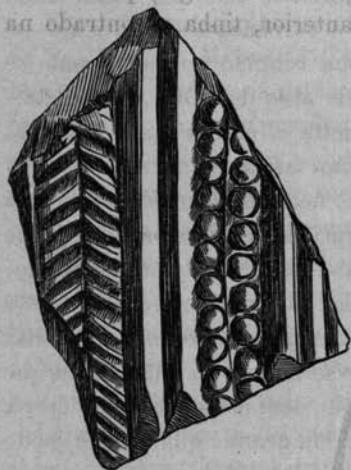


Fig. 10.ª — Barro de Santa Luzia

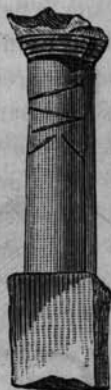


Fig. 11.ª — Arula de Santa Luzia



Fig. 12.ª — Ara de Santa Luzia

romana. Foram os Romanos que introduziram entre nós a telha; ora, com quanto as telhas de rebordo romanas, ou *tegulas*, tivessem outras applicações além da de constituirem telhados, encontram-se muitas em fragmentos pelo meio das ruínas.

*

Merecem o maior elogio os cavalheiros que tomaram a peito, com o aformoseamento do monte de Santa Luzia, a resurreição da cidade velha¹. O presente é solidario com o passado; sem se conhecer este, não póde apreciar-se completamente aquelle. No acanhamento em que se encontra ainda o estudo da nossa historia archaica, tudo o que concorrer para que elle progrida é digno de louvor incondicional. No caso

¹ São elles os Srs.: Conselheiro Antonio Alberto da Rocha Páris, presidente; Antonio Gonçalves da Silva Carvalho, Manoel Gonçalves Tinoco, vogaes; Antonio Adelino de Magalhães Moutinho, director das obras; Mario dos Reis Lemos, secretario.

Benemeritos que mais tem concorrido para os melhoramentos:

Domingos José de Moraes, incansavel e generoso impulsor das obras mais dispendiosas ali realizadas: Conselheiro Joaquim José Cerqueira, Antonio Thomás Quartin, Manoel Gonçalves Tinoco.

que nos occupa, que interessante não é termos deante dos nossos olhos um quadro da civilização lusitana! vemos os edificios que nossos avós habitavam, as louças, ora singelas, ora ornamentadas, de que elles se serviam, os adereços de que se adornavam! conhecermos os seus habitos guerreiros, que se manifestam no cuidado com que fortificaram o monte, cingindo-o de muros e fossos, e coroando-o de uma *arx* ou cidadella! descobriremos um reflexo da sua religião no modo como se dirigiam ás divindades com a offerenda de aras de pedra e de metal!

No meu pensar, — que porém submetto a outros mais autorizados —, as ruinas devem ser conservadas intactas, taes quaes se acharem á medida que as excavações proseguirem; nenhum acresciento se fará nas paredes das casas, e tudo pelo contrário se limitará á limpeza do chão d'estas e das ruas, e a revestir, talvez de telhas, a parte superior dos muros, para elles se aguentarem melhor contra a influencia nefasta dos agentes naturaes. Algumas casas tinham escoadouros; naquellas que os não tiverem, poderiam introduzir-se ao rés do chão tubos que permittissem que as aguas da chuva saíssem, sem empoçarem lá dentro. A pedra que se encontrar cahida, e que é em grande quantidade, pôde em parte, como já se fez, accumular-se em pilhas (todavia não muitas), para se dar idéia do numero de casas que o tempo destruiu¹.

Póde construir-se uma casa nova, ou duas, segundo os *typos* antigos, para se comprehender melhor o que estes eram, e para ahi se colligirem todos os objectos archeologicos desenterrados *in loco*. Para a construcção d'estas casas reuniu o Sr. Bellino alguns elementos de estudo, que elle subministrará.

Como peor do que a acção atmospherica é muitas vezes a dos visitantes, que já por curiosidade mal entendida, já por perversidade, já por outras razões, deterioram com frequencia o que encontram, convem estabelecer em toda a volta das ruinas das casas um muro de vedação que envolva tambem, pelo menos, uma das ordens de muralhas.

A archeologia nem sempre está no caso de pôr por completo deante dos nossos olhos o passado, tal como elle era; mas, pela rigorosa conservação e meudo exame dos restos d'elle, póde reconstitui-lo nos seus elementos fundamentaes, e apresentar-no-lo fiel e vivo á imaginação. As ruinas de Santa Luzia, expostas ao público, convenientemente resguardadas, constituirão, á maneira de museu, lição permanente de historia antiga, ao mesmo tempo que servirão de grande attractivo a quem ahi for.

¹ Nas fig. 1.^a e 2.^a representam-se algumas das pilhas actualmente feitas.

Em todos os países civilizados se conservam com affectuosa e patriótica veneração as reliquias da antiguidade, como se vê na Italia, — que toda ella é um museu —, na Grecia, na França, na Allemanha, na Austria, na Argelia, etc. Mesmo em Portugal já alguma cousa se fez, todavia por ora muito pouco, pois, se está salvo o templo romano de Evora, a gruta prehistorica da Rabicha á entrada de Lisboa, a gruta de Soalhães no Marco de Canaveses, um dolmen ao pé da Queiriga; se as ruinas da Citania estão a descoberto; se um respeitavel arcebispo de Braga no sec. XVIII mandou postar no campo das Carvalheiras dezenas de marcos miliarios que andavam dispersos; se em documentos officiaes recentissimos um ministro serio e illustrado, — o Sr. Conselheiro Manoel Francisco de Vargas —, procurou acudir aos nossos monumentos: temos, pelo contrário, quasi perdidos os ricos mosaicos de Milreu, no Algarve; uma camara de Beja deixou ha pouco desmoronar nessa cidade um arco romano; o notabilissimo monumento do Idolo, em Braga, está arriscado a perder-se; as lapides sagradas de Panoias, em Trás-os-Montes, com inscripções em latim e em grego, desaparecem pouco a pouco debaixo da picareta do pedreiro selvagem; as ruinas de Troia de Setubal, — casas, thermas, cetarias —, vae-as o Sado aniquilando; em fim, para não alongar mais este triste rol, desbaratam-se diariamente dolmens em todo o país. Por tudo isso, o exemplo dado pela illustre commissão dos melhoramentos de Santa Luzia será extremamente salutar.

Diga-se o que se disser, o nosso país está ainda muito atrasado. As pessoas que sabem ler são poucas, e essas, com excepção de diminuta parte, geralmente não estudam; torna-se, pois, necessario e urgente instruir e educar o povo por todos os modos. E não só o instruem e educam as escolas e os bons livros, mas tambem os museus, que, por fallarem directamente aos olhos, não são instrumentos de ensino inferiores áquelles¹.

J. L. DE V.

«... o cuidado e arbitrio em conservar memorias historicas e cousas semelhantes são apparatus digno das letras».

Fr. M. do Cenaculo, *Cuidados litterarios*, p. 24.

¹ Este artigo foi já quasi todo publicado no *Aurora do Lima*, de 23 de Agosto de 1902. Agora introduzi algumas modificações, e juntei as estampas. — No referido jornal, no numero correspondente a 12 de Setembro de 1902, publicou o meu amigo Albano Bellino outro artigo a respeito da Cidade velha de Santa Luzia, o qual contém noticias interessantes. Ao Sr. Bellino agradeço mais uma vez a amabilidade com que nesse artigo me trata.